

Dados do terceiro trimestre indicam que persiste a incerteza sobre os indicadores de produtividade no Brasil.

Fernando Veloso, Silvia Matos e Paulo Peruchetti

Os eventos dos últimos meses associados à pandemia da Covid-19 tiveram impactos negativos sobre a atividade econômica e o mercado de trabalho e elevaram de forma extraordinária o nível de incerteza em relação ao desempenho da economia e quanto à dinâmica dos indicadores de produtividade, especialmente no Brasil.

Nas últimas semanas foram divulgados dados de produtividade no terceiro trimestre para economias importantes, como os Estados Unidos e Reino Unido. Nos Estados Unidos foi verificada uma elevação tanto da produtividade agregada quanto do setor manufatureiro. Já no Reino Unido os dados indicaram uma heterogeneidade entre os indicadores de produtividade do trabalho, com queda na medida que considera como insumo do fator trabalho o número de pessoas ocupadas e uma elevação do indicador que considera as horas trabalhadas.¹

Essa heterogeneidade nos resultados da produtividade no terceiro trimestre sugere a necessidade de uma análise abrangente das medidas de produtividade calculadas para o Brasil durante este período de pandemia. Como a informação de valor adicionado é a mesma em todas as medidas, as diferenças entre os indicadores de produtividade são provenientes das discrepâncias observadas nas medidas do fator trabalho.

Desde o ano passado temos divulgado estatísticas de produtividade por trabalhador (pessoal ocupado) e por hora trabalhada. Esta última medida considera a informação sobre o total de horas habitualmente trabalhadas em todas as ocupações, obtido da PNAD Contínua, que tem como referência uma semana em que não haja situações excepcionais que alterem a duração rotineira do trabalho, ou seja, uma semana típica de trabalho.²

A PNAD Contínua também fornece informações sobre as horas efetivamente trabalhadas na semana de referência, que pode incluir reduções por motivo de doença, feriado, falta voluntária, atraso ou por outra

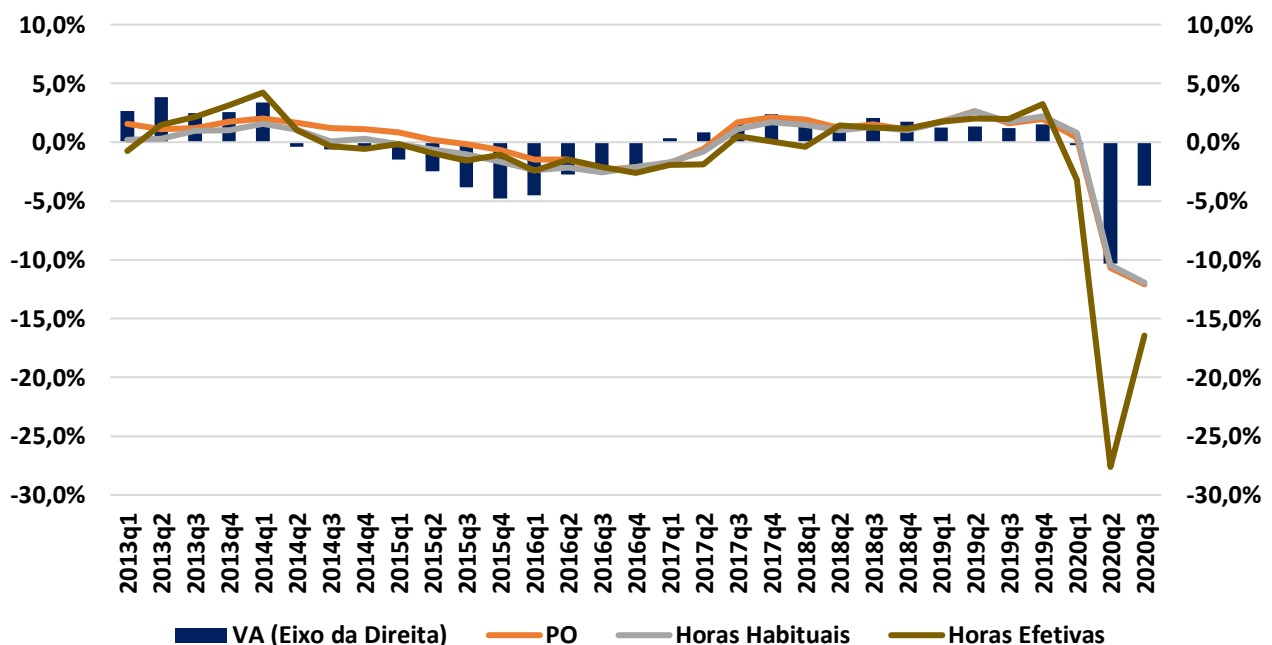
¹ Nos Estados Unidos, os Indicadores do *Bureau of Labor Statistics* (BLS) apontaram para um crescimento da produtividade agregada (*nonfarm business sector*) de 4,1% em relação ao mesmo trimestre de 2019, muito maior que a observada no setor manufatureiro, cujo crescimento na mesma base de comparação foi de apenas 0,7%. Em ambos os casos, no entanto, a alta da produtividade foi reflexo de uma queda nas horas trabalhadas maior que a do PIB. Já no Reino Unido, os dados do *Office for National Statistics* (ONS) mostraram queda de 8,8% na medida de produtividade por pessoal ocupado e alta de 3% na produtividade por hora trabalhada, ambas em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, refletindo uma redução muito maior das horas que do emprego.

² O total de horas habitualmente trabalhadas em todas as ocupações corresponde ao produto da jornada média pelo número de pessoas ocupadas.

razão, bem como aumentos por conta de pico de produção e compensação de horas não trabalhadas em outro período.

Até o início da pandemia, os resultados obtidos a partir das duas medidas de horas trabalhadas eram semelhantes. No entanto, em função das medidas de distanciamento social necessárias para conter os efeitos da pandemia, desde o primeiro trimestre³ os dados da PNAD Contínua passaram a revelar um descolamento entre as duas medidas de horas trabalhadas, o qual foi particularmente forte no segundo trimestre, com redução muito mais pronunciada das horas efetivamente trabalhadas que das horas habitualmente trabalhadas, tal como exposto no Gráfico 1. Este cenário se manteve no terceiro trimestre, porém as discrepâncias entre o crescimento das medidas do fator trabalho foi menor, em função, principalmente, do processo de que se inicia de normalização das horas efetivamente trabalhadas.

Gráfico 1: Taxa de crescimento do Valor Adicionado, do pessoal ocupado, das horas habitualmente trabalhadas e das horas efetivamente trabalhadas para o agregado da economia – (Em % e em relação ao mesmo trimestre do ano anterior) – Brasil



Fonte: Elaboração do IBRE com base nas Contas Nacionais Trimestrais e PNAD Contínua - IBGE

³ Na nota que divulgamos referente aos resultados da produtividade do trabalho no primeiro trimestre já havíamos chamado atenção para a queda mais forte das horas efetivas em comparação com as horas habituais em função dos efeitos iniciais da pandemia no mercado de trabalho. O texto pode ser acessado através do link: [https://ibre.fgv.br/sites/ibre.fgv.br/files/arquivos/u65/indicadores trimestrais de produtividade do trabalho - 1t2020 final.pdf](https://ibre.fgv.br/sites/ibre.fgv.br/files/arquivos/u65/indicadores_trimestrais_de_produtividade_do_trabalho_-_1t2020_final.pdf)

Como podemos observar, as três medidas do fator trabalho tiveram comportamento semelhante até o quarto trimestre de 2019. No entanto, desde o primeiro trimestre de 2020, e particularmente no segundo trimestre, tem havido forte discrepância entre as medidas de pessoal ocupado e horas habitualmente trabalhadas, de um lado, e das horas efetivamente trabalhadas, de outro.

No segundo trimestre deste ano, enquanto o valor adicionado apresentou queda de 10,3% em relação ao segundo trimestre de 2019, as quedas do emprego, das horas habitualmente trabalhadas e das horas efetivamente trabalhadas foram de 10,7%, 10,5% e 27,6%, respectivamente. Já no terceiro trimestre, foi possível notar uma desaceleração nas quedas tanto do valor adicionado (-3,7%) e do total de horas efetivamente trabalhadas (-16,4%), mas uma piora na evolução do número de pessoas ocupadas e das horas habitualmente trabalhadas, cujas quedas foram de 12,1% e 11,9%, respectivamente.

Esta discrepância entre as medidas do fator trabalho foi disseminada entre os principais setores da economia,⁴ bem como nas ocupações formais e informais.⁵ Isso pode ser em parte consequência da adoção do programa de proteção ao emprego formal, que possibilitou a manutenção do emprego com redução de jornada ou suspensão do contrato de trabalho. Além disso, foi criado o auxílio emergencial, que ao complementar a renda dos trabalhadores informais, pode ter reduzido de forma significativa sua jornada de trabalho.

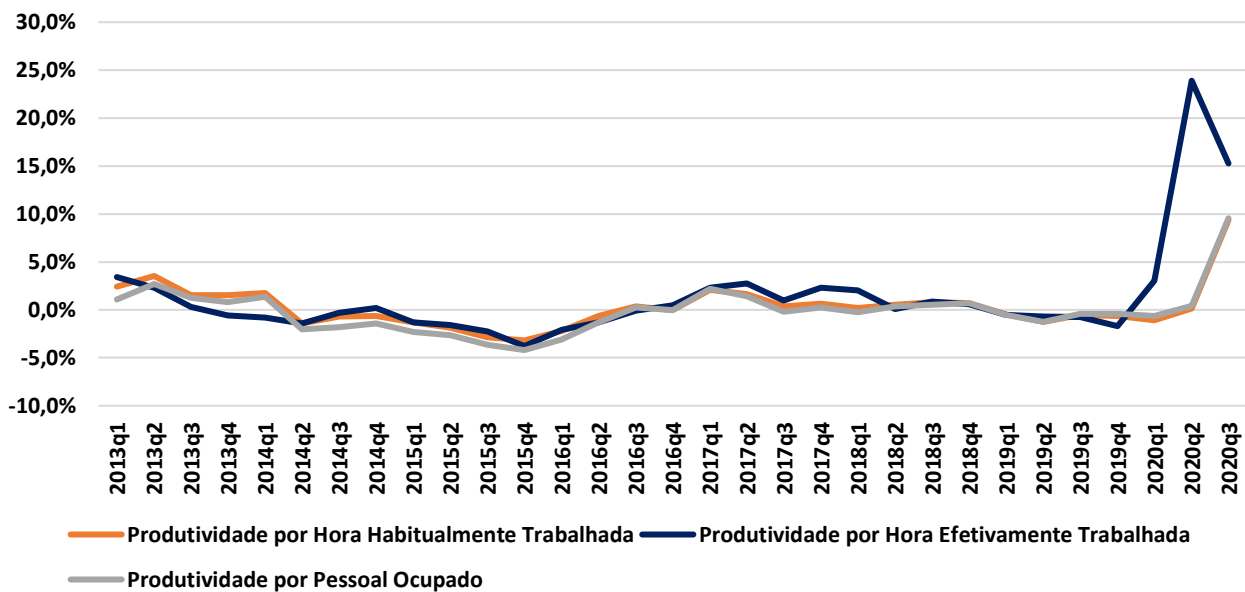
Em consequência disso, o indicador de produtividade construído com base nas horas efetivamente trabalhadas tem apresentado comportamento muito diferente ao longo deste ano, quando comparado com a produtividade por pessoal ocupado e com a produtividade por hora habitualmente trabalhada, tal como exposto no Gráfico 2.

Gráfico 2: Taxa de crescimento da produtividade agregada com base nos diferentes insumos do fator trabalho (por hora habitualmente trabalhada, por hora efetivamente trabalhada e por pessoal ocupado - em % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior) – Brasil

⁴ Na indústria, a queda do valor adicionado no terceiro trimestre de 2020 foi de 0,9%, enquanto que a redução da população ocupada, das horas habitualmente trabalhadas e das horas efetivamente trabalhadas foram de 13,8%, 13,7% e 17,4%, respectivamente. Já no setor de serviços a queda do valor adicionado foi de 4,8%, a do emprego e das horas habitualmente trabalhadas foram de 12,8% e das horas efetivamente trabalhadas foi de 18,1%.

⁵ No terceiro trimestre de 2020, o total de horas efetivamente trabalhadas dos trabalhadores informais, que contemplam empregados sem carteira assinada, trabalhadores por conta própria e empregadores sem CNPJ, e trabalhadores familiares auxiliares, apresentou uma forte redução de 21,7%, enquanto que as horas habitualmente trabalhadas e o emprego recuaram 17,2% e 18,1%, respectivamente. Já no caso dos trabalhadores formais, que englobam os empregados com carteira assinada, os militares e servidores públicos estatutários, bem como os conta própria e empregadores com CNPJ, as horas efetivamente trabalhadas, as horas habitualmente trabalhadas e o emprego recuaram 13%, 8,5% e 7,4%, respectivamente.

Agregado



Fonte: Elaboração do IBRE com base nas Contas Nacionais Trimestrais e PNAD Contínua - IBGE

Analisando o agregado da economia, podemos notar que os fatos estilizados sobre a dinâmica da produtividade no Brasil até o quarto trimestre de 2019 não dependem da métrica considerada. Em particular, podemos notar que em todas as medidas a produtividade apresentou um forte recuo ao longo da recessão ocorrida entre 2014 e 2016, seguida de uma recuperação no primeiro semestre de 2017, em função do excelente desempenho da agropecuária. Entre o segundo trimestre de 2017 e o quarto trimestre de 2018 houve uma desaceleração no crescimento da produtividade nas três métricas, seguida de sucessivas quedas em 2019.

Com o avanço da pandemia da Covid-19, no entanto, o indicador de produtividade com base nas horas efetivamente trabalhadas começou a apresentar um forte descolamento em relação aos indicadores de produtividade por hora habitualmente trabalhada e por pessoal ocupado.

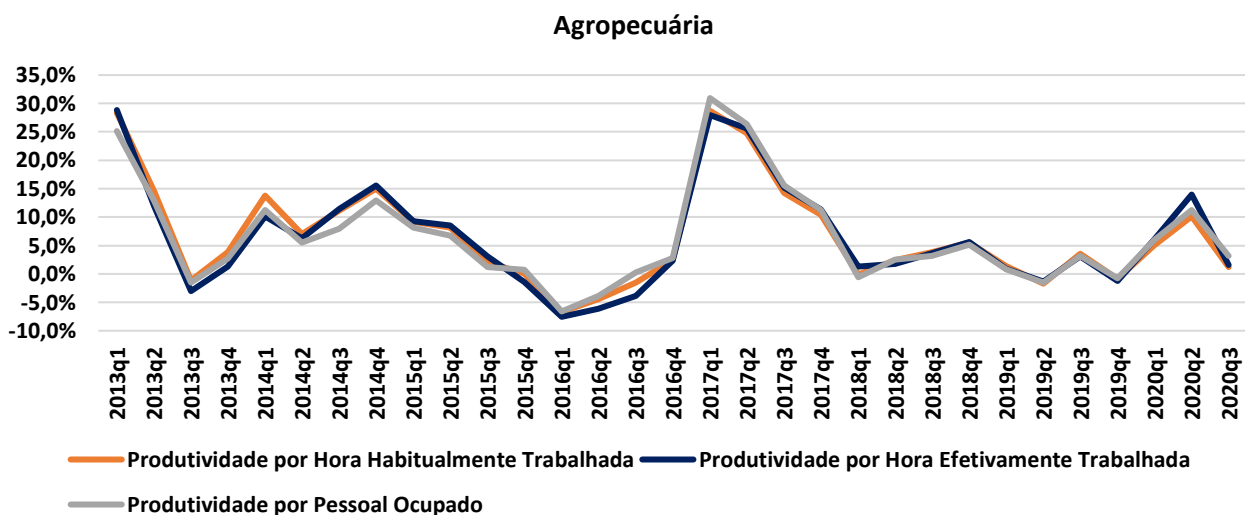
Enquanto que no primeiro trimestre de 2020 houve queda de produtividade por pessoal ocupado e por hora habitualmente trabalhada de 0,7% e 1,1%, respectivamente, e uma elevação de 3% da produtividade por hora efetivamente trabalhada, no segundo trimestre houve uma elevação da produtividade por pessoal ocupado e por hora habitualmente trabalhada de 0,4% e 0,2%, respectivamente, e um forte crescimento de 23,9% da produtividade por hora efetivamente trabalhada.

No terceiro trimestre todas as medidas apontaram para uma elevação da produtividade do trabalho, com crescimento mais acentuado da medida que considera as horas efetivamente trabalhadas (15,3%), quando

comparado com o crescimento da produtividade por hora habitualmente trabalhada (9,4%) e da produtividade por pessoal ocupado (9,5%). No entanto, embora ainda haja uma discrepância entre o crescimento das diferentes medidas de produtividade, a magnitude desta diferença é bem menor que a observada no segundo trimestre deste ano.

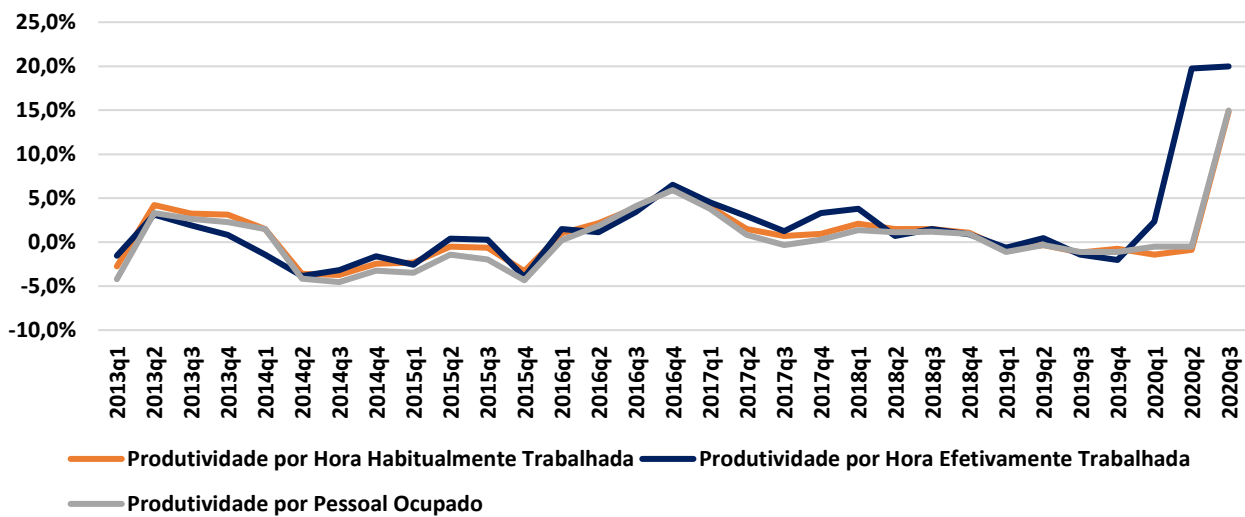
No Gráfico 3 apresentamos a taxa de crescimento da produtividade do trabalho, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, para os três grandes setores da economia, agropecuária, indústria e serviços, com base nos três insumos do fator trabalho (por horas habitualmente trabalhadas, por horas efetivamente trabalhadas e por pessoal ocupado).⁶

Gráfico 3: Taxa de crescimento da produtividade dos três grandes setores da economia com base nos diferentes insumos do fator trabalho (por hora habitualmente trabalhada, por hora efetivamente trabalhada e por pessoal ocupado - em % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior) – Brasil

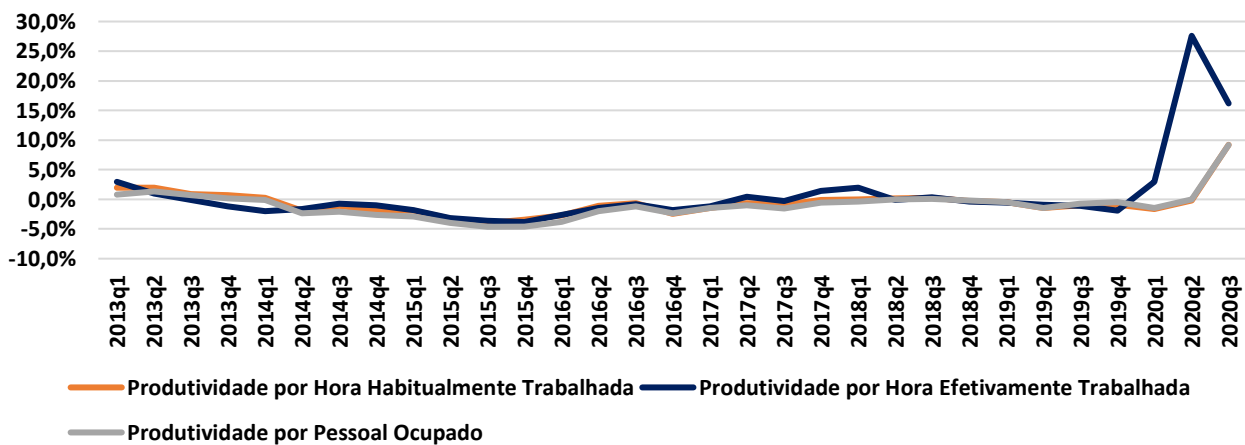


⁶ No site do Observatório da Produtividade Regis Bonelli disponibilizamos os indicadores de produtividade para as três medidas do fator trabalho nos doze setores da economia. O acesso à base de dados está disponível através do link: <https://ibre.fgv.br/observatorio-produtividade/temas/categorias/pt-trimestral>

Indústria



Serviços



Fonte: Elaboração do IBRE com base nas Contas Nacionais Trimestrais e PNAD Contínua - IBGE

Em primeiro lugar, é importante notar que, assim como no caso da produtividade agregada, os fatos estilizados acerca da dinâmica da produtividade para os grandes setores da economia se mantêm até o quarto trimestre de 2019, independente da métrica utilizada.

No entanto, com exceção da agropecuária, podemos notar que nos outros setores da economia houve uma diferença muito grande no resultado da produtividade no segundo trimestre de 2020 entre as diferentes medidas, porém em menor magnitude no terceiro trimestre.

Na indústria, por exemplo, no segundo trimestre, houve queda de 0,5% da produtividade por pessoal ocupado e de 0,9% da produtividade por hora habitualmente trabalhada. No entanto, ao considerarmos a produtividade por hora efetivamente trabalhada, houve uma forte elevação de 19,7%. Já no terceiro trimestre,

todas as medidas apontaram para uma elevação da produtividade neste setor, com crescimento mais pronunciado na métrica que considera as horas efetivamente trabalhadas (20%), quando comparado com as métricas que considera as horas habitualmente trabalhadas e o número de pessoas ocupadas, que cresceram 14,8% e 15% respectivamente.

No setor de serviços, a produtividade por hora habitualmente trabalhada recuou cerca de 0,2% no segundo trimestre, com estabilidade na produtividade por pessoal ocupado e forte crescimento de 27,6% na produtividade por hora efetivamente trabalhada. Já no terceiro trimestre, assim como no caso da indústria, todas as medidas apontaram para uma elevação da produtividade, com crescimento mais pronunciado na métrica que considera as horas efetivamente trabalhadas (16,2%), quando comparado com as métricas que considera as horas habitualmente trabalhadas e o número de pessoas ocupadas, que cresceram 9,2%.

O crescimento da produtividade por hora efetivamente trabalhada, no entanto, precisa ser interpretado com bastante cautela, já que pode estar refletindo a profunda mudança no mercado de trabalho decorrente da pandemia, que afetou principalmente trabalhadores de baixa produtividade, especialmente os informais e de baixa escolaridade.

A pandemia da Covid-19 teve efeitos profundos no mercado de trabalho, não somente em função da queda sem precedentes da população ocupada e da população economicamente ativa, mas também pelo fato de que, diferentemente de recessões anteriores, desta vez os trabalhadores informais foram mais atingidos que os formais. Em particular, enquanto que no emprego informal houve redução de 18,1% no terceiro trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2019, no emprego formal houve queda de 7,4%. As ocupações de baixa escolaridade foram particularmente afetadas, com redução de 27% e 21% no emprego de pessoas com até 3 anos de estudo e entre 4 e 7 anos de escolaridade, respectivamente. Por outro lado, houve, no terceiro trimestre, um aumento de 3,3% no emprego de pessoas com 15 anos ou mais de estudo.

Diante da grande incerteza entre os diferentes indicadores de produtividade, vamos precisar aguardar a superação da pandemia e a normalização da atividade econômica para avaliarmos com mais segurança a evolução da produtividade do trabalho no Brasil.